

**Educação física escolar no discurso imagético do  
Conselho Federal de Educação Física**

*School physical education in the imagetive discourse of the  
Federal Council of Physical Education*

Renato Cavalcanti NOVAES<sup>1</sup>  
Thulyo LUTZ<sup>2</sup>  
Felipe TRIANI<sup>3</sup>  
Silvio de Cassio Costa TELLES<sup>4</sup>

**Resumo**

O presente artigo objetivou analisar as imagens sobre Educação Física Escolar (EFE) veiculadas nos boletins eletrônicos do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF). Para isso, foram verificadas 216 edições do boletim e selecionadas imagens de divulgação própria do conselho, que não estavam atreladas a informativos, projetos ou propagandas, sendo tratadas pelo método da análise semiótica de imagem parada. No período de divulgação pesquisado, foram localizadas 12 imagens, a partir das quais foram criadas as categorias “Pano de Fundo”; “Alunos”; “Professores” e “Atividades”. Os resultados indicam que as imagens veiculadas pelo CONFEF buscam retratar a realidade da EFE através de uma imagem distorcida do real na construção mitológica do professor herói. Com isso, o CONFEF reforça seu distanciamento com o campo da EFE.

**Palavras-chave:** Escola. Educação Física. Prática Pedagógica.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCEE-UERJ. E-mail: rennoaes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCEE-UERJ.

<sup>3</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCEE-UERJ. E-mail: felipetriani@gmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Educação Física – UGF. E-mail: silviotelles@terra.com.br

## Abstract

This article aimed to analyze the images about School Physical Education (SPE) transmitted in the electronic bulletins of the Federal Council of Physical Education (FCPE). For this, 216 editions of the newsletter were verified and selected images of the council's own disclosure, which were not linked to newsletters, projects or advertisements, being treated by the method of semiotic still image analysis. During the research period, 12 images were located, from which the "Backdrop" categories were created; "Students"; "Teachers" and "Activities." The results indicate that the images conveyed by FCPE seek to portray the reality of SPE through a distorted image of the real in the mythological construction of the hero teacher. With this, FCPE reinforces its distance with the field of SPE.

**Keywords:** School. Physical Education. Pedagogical Practice.

## Introdução

A Educação Física no Brasil é legalmente regulamentada pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e por seus conselhos regionais (CREFs). A criação de um conselho federal começou a ser debatida de forma efetiva a partir da década de 1980 e ocorreu efetivamente através da promulgação da Lei 9.696 de 1º de setembro de 1998, que trata da regulamentação da profissão de Educação Física e da criação do sistema CREF/CONFEF (BRASIL, 1998). Apesar desta legitimidade jurídica, os últimos 20 anos foram marcados por litígios no campo da Educação Física entre aqueles que advogam a favor e contra esse conselho (SILVA; FRIZZO, 2011).

Segundo o CONFEF (2017), sua missão é garantir à sociedade o direito constitucional de ser atendida na área de atividades físicas e esportivas por profissionais de Educação Física. Isso implica, na prática, em obrigatoriedade de registro profissional e no pagamento de uma anuidade. O não registro no conselho implica num risco para os professores, pois podem ser acusados de exercício ilegal da profissão.

Ultimamente o sistema CONFEF/CREF vem se debruçando sobre o espaço da Educação Física Escolar (EFE). Como a entidade possui representatividade em setores políticos, realiza pressão para que as secretarias de educação exijam os registros dos professores de Educação Física que atuam nas escolas. Desconsidera, portanto, pareceres judiciais que determinam que o ensino deve ser supervisionado pelas

secretarias de educação, assim regulamentado pela Lei de Diretrizes da Educação Nacional, documento de ordenamento jurídico-educacional no Brasil (NEIRA, 2018).

Sob a pretensão de se aproximar da EFE, o CONFEF vem tomando algumas medidas. Em 2014, publicou um documento intitulado *Recomendações para a Educação Escolar* que, para Neira (2018), o referido texto desconsidera tanto as orientações curriculares das secretarias de educação quanto a vasta literatura sobre a teorização curricular da Educação Física. Além disso, o CONFEF divulga regularmente textos e imagens em seus boletins eletrônicos direcionados aos professores que atuam no ambiente escolar. Os boletins, de forma geral, são compostos por conteúdos informativos sobre temas de interesse da profissão e do sistema CREF/CONFEF, de forma a veicular notícias sobre a atuação do conselho, saúde, eventos científicos, entre outros.

As imagens utilizadas nesses boletins do CONFEF para tratar da EFE motivaram a elaboração deste artigo. Imagens são notoriamente utilizadas para transmitir ou representarem ideias, ou seja, são veiculadas intencionalmente para projetar determinados ideais (BENN, 2008). Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso imagético nos boletins eletrônicos do CONFEF de forma a identificar as representações a respeito da EFE.

## **1 Fundamento teórico-metodológico**

As imagens analisadas dos boletins eletrônicos do CONFEF correspondem ao período de veiculações de janeiro de 2008, data de publicação do primeiro boletim, até outubro de 2017. Para tal, foi realizada uma primeira busca em fevereiro de 2017, na qual foram rastreadas as primeiras 201 edições, e uma segunda busca complementar em outubro de 2017, concluindo assim a análise dos 216 boletins até então divulgados.

A leitura dos boletins foi parcialmente prejudicada por problemas técnicos de indisponibilidade do site do CONFEF. Listamos, no Quadro 1, os boletins que não puderam ser visualizados total ou parcialmente<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Em fevereiro de 2017, apenas os boletins 159 e 191 não abriam completamente. Já em outubro, foram apresentadas falhas em maior número, ocorrendo que alguns boletins não pudessem ser visualizados, ou que abrissem apenas parcialmente. Desse modo, algumas imagens não puderam ser verificadas nos dois momentos de observação postos.

**Quadro 1:** Boletins que no processo de busca não foram visualizados

Indisponíveis	3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26.
Disponíveis parcialmente	33, 34, 36, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 73, 88, 91, 102, 103, 115, 122, 123, 124, 131, 136, 143, 159, 173, 176, 191, 193, 198, 199, 201.

Fonte: os autores.

O processo de análise das imagens foi realizado a partir do método da análise semiótica de imagens paradas, de Roland Barthes (1990). A semiótica é "a ciência que estuda os signos no seio da vida social" (SAUSSURE, 1915, p. 16, *apud* BENN, 2008), destacando-se no campo da sociolinguística. De forma geral, o método consiste numa "dissecação das imagens, seguida por uma articulação" (GEORGE; GEORGE, 1972, p. 150) ou, em outras palavras, de uma reconstrução de seus elementos semânticos. Segundo Benn (2008), o objetivo da semiologia "é tornar explícito os conhecimentos culturais para que o leitor compreenda a imagem" (p. 325). Dessa forma, este método:

provê o analista com um conjunto de instrumentais conceituais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido. Muito de sua precisão provém de uma série de distinções teóricas que são captadas através de um vocabulário específico (BENN, 2008, p. 319).

Os signos publicitários, como as divulgações do CONFEF, são constituídos de forma a projetar uma mensagem, o que permite que o analista se concentre mais no *como* do que no *o quê*. Para a realização de nossa análise, seguimos os cinco passos propostos por Benn (2008):

**1º passo:** escolha das imagens a serem analisadas. Foram selecionadas apenas as imagens que se referiam com clareza à EFE e não foram contabilizadas aquelas que não eram de divulgação própria do CONFEF, assim como as atreladas a informativos, projetos ou propagandas;

**2º passo:** compilação do inventário denotativo. Nessa etapa é realizado um levantamento sistemático dos conteúdos do material, texto e imagem. Para Barthes

(1990), o pesquisador necessita apenas de um conhecimento "antropológico" básico para identificar os significantes que se destacam. Os detalhes das imagens são transformados em textos descritivos e os textos escritos das imagens são analisados quanto ao tipo de letra, cor e tamanho. Questiona-se, em paralelo, as alternativas ausentes nas imagens, pois elas contribuem para a delimitação do sentido dos conteúdos escolhidos;

**3º passo:** exame dos níveis mais altos de significação. Questiona-se o que os elementos imagéticos conotam, seus mitos e sistemas referentes. Identifica-se os elementos culturais pelos quais as imagens podem ser interpretadas, de acordo com o público ao qual se destina;

**4º passo:** conclusão da análise. Nessa etapa o analista decide se conseguiu atender aos objetivos da pesquisa, conferindo se todos os elementos de índice denotativo e suas relações foram incluídos;

**5º passo:** relatório. Escolhe-se o formato no qual a análise é apresentada. No nosso caso, optamos por apresentar os resultados das imagens em categorias semânticas, sendo elas: 1) pano de fundo; 2) alunos; 3) professores; e 4) atividades.

A seguir apresentamos os resultados da análise. Num primeiro momento, catalogamos o inventário denotativo proveniente da análise sistemática das imagens, de acordo com as categorias emergentes e suas significações culturais. Num segundo momento, descrevemos o mapa mental dos elementos semânticos que exhibe o sistema conotativo das imagens, a fim de estabelecer um conjunto criativo dos sentidos escolhidos nas imagens.

## **2 Resultados e discussão**

Foram publicadas 48 imagens de divulgação própria do CONFEF sobre diversos assuntos nas edições dos boletins analisados. Dessas, apenas 12 imagens se referiam claramente à EFE, interessantes ao presente estudo. Na Figura 1, apresentamos um mosaico dessas imagens, obedecendo à ordem cronológica de veiculação:

Figura 1 - Mosaico de imagens coletadas dos boletins eletrônicos do CONFEF



Fonte: os autores.

A frequência de exibição das imagens nos boletins está exibida na Tabela 1, conforme segue:

Tabela 1 - frequência de exibição das imagens

Imagem	Frequência
7	27
6	12
4	8
5	6
2	5
1, 3, 8, 9, 10, 11 e 12	1
TOTAL	65

Fonte: os autores.

Das doze imagens selecionadas, verifica-se que, de forma principal ou secundária, apenas duas imagens não apresentam elementos textuais (Imagens 1 e 3). O sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha e pelo *status* dos objetos representados, visto que os signos compõem um quadro que necessita da mediação da língua para que se compreenda seu significado (BARTHES, 1990). Esses textos auxiliam no processo de interpretação das imagens divulgadas pelo CONFEF, direcionando a intenção imagética, sendo apresentados neste texto no decorrer da descrição das categorias semânticas.

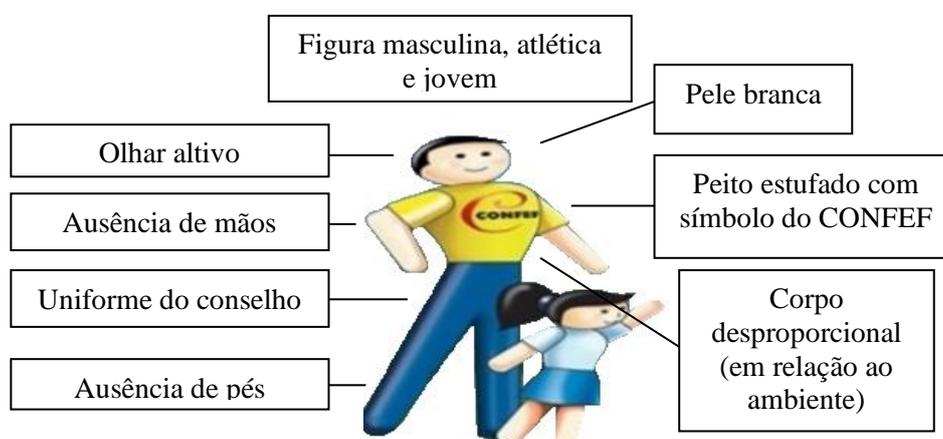
## 2.1 Categorias semânticas

### 2.1.1 O Professor

Todas as imagens analisadas contam com a presença de um professor (a) de Educação Física. Nas imagens 2, 4 e 7, o professor é representado como o tronco de uma árvore. Esse símbolo remete ao intuito do CONFEF em valorizar o professor de Educação Física, mesmo que na prática o papel do conselho se restrinja basicamente à fiscalização, conforme apontam Silva e Frizzo (2011).

Na Figura 2 apresentamos uma descrição geral da representação do professor de Educação Física nas imagens:

**Figura 2** - Traçado anotado da figura do professor



Fonte: os autores.

Como regra, as imagens colocam o professor como figura central - com exceção de uma imagem – e, em todas, o professor veste a logomarca do CONFEF, que é exposta num tórax inflado, o que remete a um orgulho desses para com o conselho. De certo que essa imagem ufanista a favor do conselho não condiz com a dinâmica política dentro do campo da Educação Física, muito menos da EFE. Não há consenso sobre a legitimação e atuação do conselho nos mais diversos segmentos com os quais a Educação Física mantém interface (ALMEIDA; MONTAGNER; GUTIERREZ, 2009; SILVA; FRIZZO, 2011; NEIRA, 2018).

No que se refere ao perfil dos professores de EFE, as imagens exibem professores magros e jovens, um estereótipo dos professores dessa área. Para Silva e Lüdorf (2010), o estereótipo de juventude que é associado a professores de Educação Física e que é, em partes, compartilhado pela sociedade, se vincula à suposição de que o corpo jovem e performático seria requisito básico para a atuação profissional. Esse tipo ideal é corroborado com a presença majoritária de professores do sexo masculino, uma vez que a masculinidade está associada à força. Nessa mesma perspectiva, Cândido e outros (2015), ao investigar uma telenovela da televisão brasileira, identificaram que a mídia veicula representações sociais sobre o professor de Educação Física que caminham também nessa direção estereotipada.

Tais aspectos suscitam a preocupação dos professores com a aparência e a utilidade do corpo, já que ele é visto muitas vezes como modelo ou como mediador das intervenções (LÜDORF, 2004). As imagens deixam de exibir perfis mais distintos. Nota-se ausência de representação de professores mais velhos, que não raramente são vistos nas escolas, principalmente nas públicas, já que nessas o acesso ao magistério é dado por concurso e os professores geralmente permanecem até a aposentaria.

### *2.1.2 Os alunos*

Em todas as imagens há a presença de alunos. No entanto, nas imagens 2, 4 e 7 os alunos são representados como frutos de uma árvore do conhecimento, à imagem, em miniatura, do professor representado pelo tronco da árvore. O elemento textual que acompanha a imagem explicita tal significação: “plantando cultura, cidadania e saúde”. O foco das figuras, portanto, não está nos alunos, mas no professor.

Nas demais imagens, os alunos são representados sem dedos e orelhas, alguns deles também sem nariz. Também é notável uma falta de proporcionalidade entre elementos: na imagem 1 o professor aparece em tamanho exagerado quando comparado ao das crianças - garantindo-lhe protagonismo - que parecem muito menores em relação a ele e aos materiais com que interagem.

Na imagem 11 há maior detalhamento: os alunos possuem dedos e contornos e as dimensões são mais reais. Apesar disso, os sujeitos não têm rosto, o que por um lado deixa aberta a interpretação, por outro retira sentidos da representação. A imagem de publicação mais recente (12) é a única que apresenta uma fotografia, que não é colocada como elemento principal, mas que busca a exibição do real.

Nas imagens 8 e 12 todas as crianças são brancas, o que em conjunto com o ambiente afasta mais ainda as figuras da diversidade brasileira. Nas demais imagens, percebe-se clara preocupação em exibir os alunos por etnias diferentes. A predominância de alunos brancos nas imagens vai de encontro do que se encontra na maior parte das escolas. Negros e pardos representam 51% da população brasileira e 74,5% do grupo com menor rendimento econômico (IBGE, 2016).

As imagens demonstram um número reduzido de alunos nas aulas, de forma que apenas nas duas últimas imagens esse número se iguala ou supera o quantitativo de cinco alunos, o que certamente não condiz com o cenário brasileiro. Recentemente, o próprio CREF da 1ª Região (2019) estabeleceu um quantitativo máximo de alunos por professor de Educação Física, sendo 25 na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 35 nos anos finais e no Ensino Médio. Em 1991, a média por turma de ensino fundamental era de aproximadamente 29 alunos, número que em 2000 era de 32 alunos (BRASIL, 2003). Atualmente, segundo o censo escolar, considerando escolas públicas e privadas, ao ingressar nesse mesmo nível de ensino o estudante brasileiro integra uma turma com cerca de 20 alunos e no Ensino Médio a média é de 32 alunos por sala (IBGE 2016).

Pode-se, portanto, definir a representação dessa categoria da seguinte forma: alunos em miniatura; desprovidos de seus órgãos sensoriais; predominantemente magros e de cor branca; e inseridos em turmas reduzidíssimas. Essas características certamente não condizem com o cotidiano escolar do professor de Educação Física. Os anúncios do CONFEF, portanto, pretendem apresentar uma significação sobre alunos e

turmas que parece atender a um ideal de Educação Física higienista avesso à realidade brasileira.

### 2.1.3 O pano de fundo

As imagens 1, 3, 5, 6, 8, 9 e 10 seguem padrões imagéticos semelhantes. O pano de fundo onde as atividades acontecem é um gramado em local amplo, arborizado, ao ar livre. Nas imagens 4 e 7 as árvores não constituem exatamente o pano de fundo, na verdade são as protagonistas dos anúncios. Apenas as imagens 11 e 12 não apresentam um pano de fundo verde arborizado.

Ao analisar a psicodinâmica das cores na comunicação, Farina (2006) observa que o verde apresenta as seguintes associações materiais: "umidade, frescor, diafaneidade, primavera, bosque, águas claras, folhagem, tapete de jogos, mar, verão, planície, natureza". Outrossim, se associa afetivamente com: "adolescência, bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberalidade, tolerância, ciúme" (p. 101).

Os significados que suscitam o pano de fundo arborizado funcionam de forma a associar a Educação Física escolar com as atividades ao ar livre, notoriamente saudáveis. Tal associação é reforçada com o slogan das imagens 2, 4, 5, e 6: "*plantando cultura, cidadania e saúde*". Ao representar esse ideal verde, no entanto, ignora as múltiplas realidades que não condizem com esse discurso.

Segundo divulgação do censo escolar, apenas 27% e 55% das escolas possuem em suas dependências quadras esportivas nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, respectivamente (IBGE 2010). Em 2016, das escolas que ofertavam anos iniciais do ensino fundamental, 64,5% ainda não dispunham dessa estrutura (IBGE 2010), e apenas 27,5% dispunham de áreas verdes em suas dependências (IBGE, 2016), o que faz com que aulas sejam realizadas nos espaços disponíveis, muitas vezes inadequados para ensino de atividades como, por exemplo, os esportes de quadra e tantas outras previstas no documento normativo da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2017).

No processo de interpretação imagética, Barthes (1990) recomenda que se pergunte o porquê de uma escolha em detrimento de outras. Desse modo, por que utilizar como pano de fundo um ambiente arborizado para retratar o professor de Educação Física? Por que não incluir os terrenos de terra batida, os pátios escolares, as quadras (muitas vezes apertadas), estruturas que, de fato, representam a realidade de grande parte das aulas de EFE? De certo, a intenção publicitária do CONFEF em valorizar o professor de Educação Física e, por conseguinte, seu ambiente de trabalho, representado de forma arborizada.

Por conseguinte, o conjunto de significantes transferem o local das aulas, da EFE brasileira para um ideal de ambiente de trabalho estereotipado. Demonstrar a EFE num pano de fundo que não remete ao dia a dia do professor representa não apenas um ideal utópico, mas também o afastamento que existe entre o CONFEF e os professores de Educação Física que se manifesta na ausência de representatividade do conselho junto à comunidade da EFE. Não por menos que autores como Almeida, Montagner e Gutierrez (2009) e Neira (2018) criticam o sistema por negar os avanços no campo teórico da Educação Física, o que corrobora com o afastamento que apontamos nas imagens.

A partir dos elementos culturais utilizados para interpretar esta categoria, é possível compreender os elementos conotativos do pano de fundo das imagens. O ambiente arborizado - aliás o próprio professor é retratado como uma árvore - denotam um suposto ambiente de trabalho do professor. Seu caráter conotativo, no entanto, projeta um ambiente idealizado que não condiz com a(s) realidade(s) das escolas brasileiras.

#### *2.1.4 As atividades*

As atividades desenvolvidas nas imagens representam alguns dos conflitos no campo da EFE. Na imagem 1, os alunos aparentam pouca faixa etária pelo tamanho reduzido em relação à rede de vôlei, o que levanta uma discussão antiga, mas não ainda superada, sobre o “esporte na escola”, que seria a reprodução de práticas esportivas hegemônicas da sociedade, e o “esporte da escola”, entendido como a cultura escolar de esporte produzida pela escola (VAGO, 1996).

Por outro lado, a atividade reproduzida nas imagens 3, 5 e 9 indica a utilização de um jogo cooperativo e pretende assim ir de encontro ao paradigma esportivo da competição. Observando as imagens de forma geral, percebe-se que as imagens buscam, sem deixar de mostrar a questão do "esporte na escola", exibir as diferentes possibilidades de conteúdos da EFE.

É central nas imagens 8 e 11 a presença de alunos cadeirantes, pretendendo assim demonstrar o caráter inclusivo nas aulas. Na imagem 8, em especial, destaca-se a presença de alunos com deficiência em uma atividade na qual todos a realizam de forma conjunta, inclusive com um aluno de olhos vendados (Figura 3).

**Figura 3** - Imagem 8 com atividade inclusiva



Fonte: CONFEF (2009).

No conjunto, as atividades apresentadas nas imagens pretendem valorizar a Educação Física na escola e, por consequência, o professor. As atividades representam os conflitos no campo do currículo da EFE, se por um lado aparece o esporte, por outro destacam-se os jogos cooperativos e as atividades inclusivas. Desse modo, a diversidade das atividades emerge na como uma característica central.

## 2.2 Relação sintagmática dos elementos semânticos

O inventário denotativo apresentado até então precede na análise semiótica das imagens a relação sintagmática dos elementos semânticos. Cada elemento numa determinada imagem apenas faz sentido a partir da combinação dos muitos elementos e também dos elementos não escolhidos. Os sintagmas designam uma sequência de elementos que compõem uma unidade, conferindo, portanto, sentido. Assim, nesse

momento procuramos por níveis mais altos de significação de forma a questionar como os elementos imagéticos conotam seus mitos e sistemas referentes, de acordo com o público destinado.

Na Tabela 2 apresentamos uma síntese dos achados em três momentos. Num primeiro momento as características denotativas das imagens. A seguir, a relação de como tal denotação se relaciona com a conotação, ou seja, a relação sintagmática entre denotação/conotação. No final, a conotação imagética.

**Tabela 2** - Apresentação tabular dos achados

Denotação	Sintagma	Conotação/mito
Pano de fundo: campo, verde; Professor: homem, branco, satisfeito; Alunos: sem dedos, orelhas e nariz. Atividades: diversidade.	Equivalência sugerida pelas: proporções assimétricas do corpo do professor e dos corpos dos alunos e do ambiente; centralidade da figura do professor; relação textual.	Figura do professor herói. EFE como requisito para educação.

Fonte: os autores.

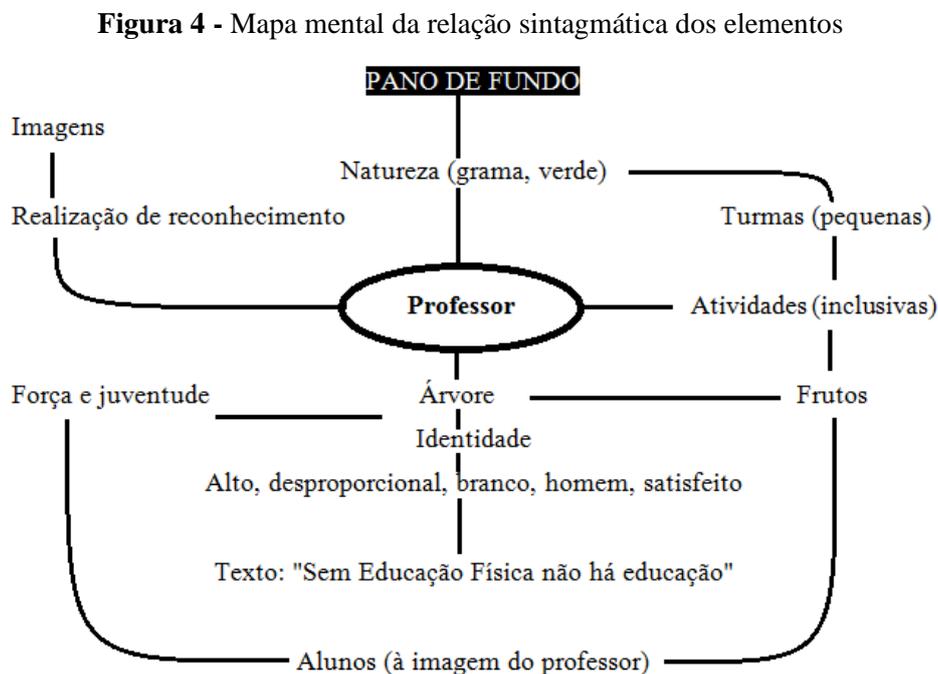
A denotação estabelece um vínculo de significação no qual se destacam os significantes básicos com a realidade apresentada. O ambiente das imagens - verde, aberto e arborizado - tem a função de servir como um pano de fundo idealizado da atividade docente do professor de Educação Física. Esse, o professor, representa os ideais de juventude e masculinidade atrelados à figura do professor de Educação Física, representado sempre em destaque nas imagens. Por sua vez, os alunos realçam a figura do professor, são feitos a sua imagem, bem como os frutos remetem à árvore em algumas imagens. As atividades também remetem ao trabalho do professor e sua importância para a EFE.

Assim, os elementos denotativos apresentados, o pano de fundo, o professor, os alunos e as atividades se relacionam mutuamente. Há nos elementos denotativos indicativos que compõem significados, enquanto o professor é posto na centralidade, peito estufado com emblema do CONFEF, se relaciona com os alunos pela desproporcionalidade. Esses, são postos também de forma desproporcional ao ambiente, ou como frutos, no caso das árvores.

Os textos das figuras ajudam a ancorar os sentidos apresentados. Como uma imagem é sempre polissêmica, costuma vir acompanhada de algum tipo de texto

(BENN, 2008). As imagens que citam o ano da EFE trazem a escrita “Educação Física Escolar - plantando cultura, cidadania e saúde”, em outras, comemorativas ao dia do professor: "Sem Educação Física Escolar não há Educação"; ou "não há nação sem Educação e não há Educação sem Educação Física"; ou "uma sociedade civilizada tem como base a mais importante profissão, a do professor". As frases selecionadas possuem como objetivo valorizar o professor de EFE, mas articuladas como os elementos denotativos destacam o a figura heroica do professor e da Educação Física como requisito não apenas importante, mas essencial para a educação.

Na Figura 4 apresentamos um mapa mental que indica a relação sintagmática dos elementos elencados:



Fonte: os autores.

Assim, a relação sintagmática dos elementos remete à conotação, no qual atributos implícitos significam as imagens para além do vínculo direto com a realidade, compondo um nível mais alto de significação. Assim, denotação e sintagma nas imagens do CONFEF associam o professor de EFE a uma figura heroica e à Educação Física uma centralidade na educação. Tal significado é reforçado pelas frases já postas, como "Sem EFE não há Educação" ou como o ufanismo "não há nação sem

Educação...". Se reforça assim o mito de que o professor, no nosso caso o de Educação Física", trata-se um herói.

Para Barthes (1990), o mito é um meio pelo qual uma cultura naturaliza, ou torna invisível, suas próprias normas e ideologias. Há na sociedade uma ideia de que o professor exerce uma função nobre, reforçado por narrativas midiáticas e filmes que exaltam o papel do professor como responsável pelo futuro da nação. Por outro lado, professores são comumente culpabilizados pelo fracasso escolar dos alunos e não têm retorno financeiro adequado para tão nobre atividade (TAUBMAN, 2009).

Há nas imagens uma idealização de um tipo de professor e de Educação Física na escola. O que está ausente nas imagens é justamente a realidade do chão da escola: turmas lotadas; alunos com alta taxa de evasão escolar, principalmente em escolas públicas; espaços de sala de aula inadequados e por vezes inexistentes; culpabilização do professor pelo fracasso dos alunos; entre outros.

## **Considerações finais**

As imagens em foco neste artigo destacam a intencionalidade de aproximação do CONFEF com a EFE. Esse ensaio passa ao largo do campo já bem estabelecido da Educação Física na Escola, mas por outro lado não podemos deixar de destacar que vai ao encontro da necessidade de valorização da EFE.

Com as imagens, o CONFEF pretende valorizar o professor de Educação Física que atua na escola e se aproximar do campo em questão. No entanto, é preciso destacar que tal interesse está diretamente vinculado às investidas do Conselho em buscar maior ingerência e aproximação com aquele campo, contudo através das imagens mostra ou desconhecimento sobre o tema ou uma tentativa de “vender” uma imagem mais agradável da EFE.

Tais interesses facilitam o trabalho do semiólogo. As imagens apresentadas transitam entre a ingenuidade sobre a realidade do professor de EFE e os interesses do CONFEF. Assim, ao longo do artigo demonstramos como os elementos denotativos servem para naturalizar a mensagem conotativa, ou seja, o significado que é entendido pelo leitor. Os elementos das imagens são encadeados de forma a retratar uma Educação

Física utópica, irreal, enquanto os professores são representados como protagonistas e heróis.

Desse modo, as imagens reforçam o distanciamento existente entre o CONFEF e a EFE. Não pretendemos, com isso, que o CONFEF repense a forma de divulgação das imagens, uma vez que arriscaria distorcer mais ainda a relação - ou a falta dela - com a EFE. Trata-se, portanto, de repensar a própria atuação do Conselho e de sua representatividade.

## Referências

ALMEIDA, M.; MONTAGNER, P.; GUTIERREZ, G. A inserção da regulamentação da profissão na área de Educação Física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 275-292, julho/setembro de 2009.

BARTHES, R. A retórica da imagem. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: Bauer, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **A Educação no Brasil na década de 90: 1991-2000**. Brasília: MEC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base: Educação Física**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2016: Notas estatísticas**. Brasília: MEC/INEP, 2017.

CÂNDIDO *et al.* A representação da Educação Física na 18ª temporada da telenovela Malhação. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 1, p. 95-106, 2015.

CONFEF (Conselho Federal de Educação Física). **Missão e Valores do Sistema CONFEF/CREFs**. Disponível em: <http://www.confef.org.br/confef/conteudo/45>. Acesso em: 17 out. 2017.

CONFEF (Conselho Federal de Educação Física). **2009: Ano da Educação Física Escolar**. Disponível em: <http://www.confef.org.br/confef/comunicacao/revistaedf/3761>. Acesso em: 20 out. 2017.

CONFED (Conselho Federal de Educação Física). **Educação Física para uma vida saudável**. Disponível em: <http://www.confed.org.br/confed/comunicacao/noticias/221>. Acesso em: 20 out. 2017.

CREF1 (Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região). Resolução CREF1 nº 106/2019. Disponível em: <https://cref1.org.br/media/uploads/2019/05/2019.pdf>.

FARINA M.; PEREZ C.; BASTOS D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Bücher; 2006.

GEORGE, R. T.; GEORGE, F. M. **The Structuralist**: From Marx to Levi-Strauss. New York, NY: Anchor.

GUAITA, N.; SILVA, M. O professor de educação física e o status social: o caso regulamentação da profissão. In: **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.131-149, janeiro/abril de 2007.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Síntese dos Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LÜDORF, S. M. A. **Do corpo design à educação sociocorporal**: o corpo na formação de professores de Educação Física. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004 (Tese - Doutorado em Educação). 264 f.

NEIRA, M. G. Esquadrinhar e Governar: análise das recomendações do CONFED para a Educação Física escolar. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 571-590, abr./jun. 2018.

SAUSSURE, F. **Course in General Linguistics**. New York: The Philosophical Library, 1966.

SILVA, G.; FRIZZO, G. F. E. Crítica à regulamentação da profissão e à produção científica defensora do sistema CONFED/CREFs. In: **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 36, p. 149-168. jun. de 2011.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. In: **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 645 - 654, set. 2010.

TAUBMAN, P. **Teaching by numbers: deconstructing the discourse of standards and accountability in education**. Routledge: Nova Iorque, 2009.

VAGO, T. M. O. “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. In: **Movimento**, Porto Alegre. v. 3, n. 5, p. 4-17. Dez. 1996.